

A FESTA VAI COMEÇAR: NARRATIVAS DAS CIREANDAS NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO GRILO-PB

ELANE CRISTINA DO AMARAL¹

Ao refletirmos os relatos sobre as cirandas na comunidade Grilo, fez-se necessário lançarmos mão da metodologia da História oral, como uma ferramenta de grande ajuda para alcançarmos nossos objetivos. De acordo com Verena Alberti:

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que se pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação.²

Deste modo, é a partir do levantamento de algumas questões a cerca da importância da ciranda, seu significado e sua contribuição para as identidades da comunidade, que iniciamos nossa pesquisa.

Pensar sobre as Cirandas na comunidade Grilo é refletir sobre suas festas, assim sendo, os momentos em que mais eram realizadas as Cirandas eram durante o mês de janeiro, nos dias do mês de maio, no São João, final de ano, quando se queimava caêra e nos casamentos.

Hoje as Cirandas tornaram-se raras na comunidade e embora eventualmente possam ser realizadas nas datas anteriormente citadas, atualmente elas são realizadas em momentos mais específicos, como no dia 20 de novembro ou quando a comunidade recebe visita de caravanas de outras comunidades. E apesar da ciranda contribuir para fortalecer os laços de sociabilidades entre os grilenses, hoje ela é poucas vezes realizada para o próprio entretenimento da comunidade, antes sua prática era mais constante. Para Miranda:

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande-PB

² ALBERTI, Verena. **Manual de historia oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 29.

Uma das principais características da festa é a sociabilidade. É no espaço das comemorações que as relações sociais se entrelaçam e se aguçam. O ambiente festivo, de alegria e descontração, leva os participantes a terem tal comportamento. Nesse espaço, também se encontra o sentido da religiosidade e da solidariedade e, ainda, as demarcações de especificidades e diferenças entre os indivíduos e os grupos.³

É neste campo de ação que se inserem as antigas festas no Grilo, momentos de alegrias e descontração que contagiavam a todos que quisessem participar da brincadeira da Ciranda de Adultos. Momentos estes que inclusive não só reuniam os moradores da comunidade, mas que também atraíam pessoas das localidades vizinhas. São esses momentos de contentamento durante as festas com Cirandas que dona Josefa nos coloca:

- M.J.C.: [...] era a noite todinha minha fia, ave Maria, a minha fia todo dia era com alegria tão grande parecia que tava no céu (risos), parecia que tava todo mundo no céu minha fia, a noite todinha aquele bumba batendo e eles catando e dançando, não sei onde eles arruma tanta coisa pra fazer, pra dizer, a noite toda, era bonito mas nunca mais eu vi nem falar⁴

Nesta fala de dona Josefa, podemos destacar que ao narrar as cirandas que vivenciou, ela revive momentos de alegria quando, por exemplo, compara estes momentos com o céu. A lembrança do “bumba batendo” também é marcante. Além disso, ela chega a se admirar com as noites de cirandas, quando diz “não sei onde eles arruma tanta coisa pra fazer, pra dizer, a noite toda”, ela está se referindo às variadas músicas de ciranda, cantadas durante toda a noite, e as diversas histórias que as letras dessas músicas continham. Ela ainda nos coloca:

- M.J.C.: O povo botava pra brincar tudo de mão, de roda, aí minha nossa senhora, a sainha chegava a fazer assim ô (faz o gesto levantando a saia) chegava arruinar, menina de Deus era bonito, era bonito viu, pra gente aqui que não tinha o que fazer da vida, era uma coisa muito bonita e pro São João a quando pensa que não o sol vinha saindo, não dava nem fé do final do tempo, era aqui na casa do meu avô ali em cima, era na casa de pai, aculá

³ MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios Recuperados**: experiência da comunidade negra rural de Tijuacu – BA. São Paulo: Annablume, 2009. p. 107.

⁴ Entrevista realizada com dona Maria Josefa da Conceição em 03 de fevereiro de 2010.

naquele alto dali , era na casa do meu bisavô naquele alto de lá, meus ti tudo, minhas irmã, esse povo todo do Cuité, o povo se arrastava todo pra lá, era assim ô de gente (faz gesto de muito com os dedos) não tinha outra diversão minha fia...⁵

Na narração anterior feita por dona Josefa, ela nos descreve um pouco de como se dançava a Ciranda, “o povo botava pra brincar tudo de mão, de roda”, a vestimenta também é colocada em ênfase, quando ela se refere as saias que chegavam a “arrudiar”, se referindo às saias rodadas, e de um modo geral ela nos dá uma imagem da festa que ela participava:

- E.C.A.: A senhora tinha quantos anos quando a senhora dançava ciranda aqui?

- M.J.C.: Eu tava com quinze (risos), eita danado dessa finura assim, eu era bem novinha, dessa finura aqui ô, a cinturinha era isso aqui (faz o gesto com as duas mãos juntas como um círculo), tinha um vestidim bem apertadim por aqui, o cabelo arrepiava tudo, quando arrepiava fazia tudo de trochinha, de cocozinho, aí minha fia avuava no meio, avuava no bando e o bumbo batia, quando no era sofona era bumbo, gemia nesse mundo de Jesus, vinha gente até de Serra Redonda⁶

Através da fala de dona Josefa, somos chamados a perceber, não só a vestimenta anteriormente citada, como também os modelos feitos para o cabelo na hora da dança, assim a “trochinha” ou o “cocozinho” era o que se fazia para prender os cabelos quando estes se arrepiavam. Deste modo, com os cabelos presos, ficavam mais a vontade para dançar a ciranda. Sobre o cirandeiro da sua época e sobre o ambiente da festa ela nos expõe:

- E.C.A.: Quem era o tocador aqui?

- M.J.C.: Era meu primo Sebastião

- E.C.A.: Ele tocava e cantava

- M.J.C.: tocava e cantava, ele e meus irmãos, meus e meus subrin já tudo homem não é, era [...], mas também quando amanhecia o dia (risos) você via o terrero todo ciscado (risos) parecia que tinha passado (risos) de saltar e

⁵ Entrevista realizada com dona Maria Josefa da Conceição em 03 de fevereiro de 2010.

⁶ Entrevista realizada com dona Maria Josefa da Conceição em 03 de fevereiro de 2010.

dançar, pular e pinotar, é a vida naquele tempo era muito boa agora não, agora eles cantam eles bebem, era na poeira até a poeira cobrir. Os zoi ficava cheio de poeira tinha nego que lavava o rosto três quatro vez, no tempo da seca da sequeidão não é tudo pulando, saltando naquela poerada, lavava o rosto quatro cinco vezes (risos)⁷

Na época de dona Josefa, o cirandeiro era seu primo, desempenhava a função de tocador e cantor. A família e o povo citados também marcaram a recordação de um tempo em que os parentes se reuniam e as festas iam até o amanhecer e nem mesmo a escassez de água era motivo para a festa não acontecer, lavava-se o rosto e voltava-se para a festa. Conforme Halbwachs:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais freqüentemente em contato com ele.⁸

Deste modo, é comum durante os relatos de dona Josefa, ela ficar sempre se recordando de parentes, amigos, de pessoas ou grupos mais próximos. Estes nomes fazem parte da sua memória e da história que narra, e algumas vezes, muitos dos nomes citados são daquelas estimadas pessoas, que como ela costuma afirmar, “já se foram.” Neste campo de ação, a memória de dona Josefa é construída a partir dos grupos com que ela se relacionava.

Mas, ainda na fala de dona Josefa podemos refletir sobre o ambiente em que se davam as festas na comunidade, ou as comemorações. Assim, o que se percebe é que as realizações das festas aconteciam no ambiente do próprio terreiro, geralmente em frente as casas. Assim, de tanto “saltar”, “dançar”, “pular” e “pinotar”, o terreiro ficava todo “ciscado”. E aqui mais uma vez convidamos Michel de Certeau para refletirmos a importância do ambiente para estas comunidades, pois:

⁷ Entrevista realizada com dona Maria Josefa da Conceição em 03 de fevereiro de 2010.

⁸ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2006. p.51

[...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. [...] Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.⁹

Pensando o ambiente na comunidade, de acordo com Certeau, se o terreiro é um lugar que indica estabilidade, ambiente onde acontecem os trabalhos do cotidiano, ele torna-se espaço, à medida em que se configura como um espaço onde se realizam as festas da comunidade, ele passa então a assumir outra função para os grilenses, além daquela que já é de costume. E dona Josefa ainda coloca sobre os locais das cirandas:

- A.C.C.: E como é que aconteciam estas festas?

- M.J.C.: Se fosse na casa de alguém, era a noite todinha, começava logo cedo, aquelas vizinhança todinha que tivesse por fora vinha, aqueles ti, aqueles neto, sabe que vinha tudo pra cá, aquele São João era muita festa¹⁰

È importante perceber que as festas podiam ser em frente à casa de qualquer pessoa da comunidade, assim a mesma requisitasse, embora muitas vezes ocorresse em frente à casa de dona Dôra. Com o quintal amplo, plano e bem no centro da comunidade, o quintal de dona Dôra tornou-se várias vezes um cenário praticado, nos festejos da comunidade Grilo.

Assim, dona Dôra também, ao nos contar sobre as cirandas que participara, acabava por tocar também no ambiente mais comum em que estas cirandas se realizavam, então ela afirma: “Mas era tanta gente aí nesse meu quintal.”¹¹ Ela ainda nos conta sobre as cirandas que vivenciou quando jovem:

- M.D.C.T.: Logo, logo não no existia isso não sabe, agora eu vim pra qui, já era mãe de família, então esse Dedé que mora ali ele é cirandeiro, ele vive doente, no quer, vive nesse trabalho, ele no quer não [...]

- E.C.A.: Foi Paquinha disse

⁹ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 201-202.

¹⁰ Entrevista cedida por Amanda Carla Cabral, realizada no dia 28 de setembro de 2008.

¹¹ Entrevista realiza em 18 de setembro de 2008.

- M.D.C.T.: Aí, ele mai a cunhada dele comade Tereza, hoje ela mora no Rio de Janeiro [...]

- M.D.C.T.: Aí ele, ela comadre Teresa cantava ciranda, cantava no bombo ne, aí alguém continuava a cantiga. Agora antigamente, na cidade do Ingá quando o meu avó, tinha um tio que se chamava Justo [...] Aí o meu avó tinha um tio que se chamava Justiniano e cantava coco, coco de roda, aí ia cantar, cantar coco na casa de meu avó, era lá embaixo no Imboca perto da porteira [...] aí ele falava assim, ele cantava aqueles coco aí eu [...] Então meu avó chamava esse Justiniano pra cantar coco lá na casa dele, coco de roda ia tanta gente da rua pra vê esse coco, aí ele cantava, cantava, o pau rolou, ele cantava “ O pau rolou caiu, no meio da mata ninguém viu”. E eu ficava, eu era pequena ficava assim olhando assim (bota a mão no queixo como se tivesse admirada) olhando achava bonito ele era um negão alto, chega era meio isolado assim, ai ele fazia “rolou, rolou, rolou caiu, no meio da mata ninguém viu” (Risos – Enquanto canta ela se levanta e dança tipo sapateando) Eu achava tão bonito ele fazer aquilo¹²

Neste depoimento de dona Dôra, outro cirandeiro ganha ênfase, seu Dedé, o qual ainda reside na comunidade, solista e tocador. Assim como Sebastião primo, de dona Josefa, seu Dedé também desempenhava as duas funções. Entretanto, no seu papel de solista, ele dividia esse lugar com sua comadre Tereza. Enquanto eles dois cantavam o solo, o resto da comunidade cantava o refrão. De acordo com Stearns: “[...] um gênero só pode ser compreendido se comparado com outro.”¹³ É interessante refletimos que, apesar de ser mais comum os cirandeiros realizarem as festas de cirandas, estas identidades nem sempre são fixas, tendo em vista que dona Teresa surge aí, para burlar esta imagem estipulada. A mesma, então, se introduz num cenário que geralmente é reservado para os homens.

Nas lembranças de dona Dôra, ainda residem as letras das cantigas que ouvia, quando cita uma parte da música que o tio do seu avô cantava: “O pau rolou ninguém caiu, no meio da mata ninguém viu”. Neste pequeno trecho da música, podemos perceber a referência ao lugar comum em que as comunidades negras geralmente residiam que era na mata, assim tendo as confusões, ninguém ou pelo menos poucos podiam presenciar. De acordo com Miranda:

¹² Entrevista realiza em 18 de setembro de 2008.

¹³ STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto. 2007. p.16.

No período escravista, o espaço da liberdade que se criava com a dança no terreiro representava o momento privilegiado para a comunicação interna da comunidade cativa, veiculando-se todo tipo de mensagens, articulações, críticas e reivindicações por meio da crônica social cantada.¹⁴

Neste sentido, as letras das cantigas tanto das cirandas como do coco de roda trazem em si todo um significado, já que estas refletem o cotidiano dessas comunidades negras, estas músicas se tornavam para estes indivíduos, um veículo pelo qual as suas críticas poderiam ser ouvidas, mesmo que não fossem atendidas. Dona Dôra ainda acrescenta:

- M.D.C.T.: Aí eu dizia oxi, mas quando ele saía no outro dia, eu conversava com meu avó, toda vida eu fui safadona, procurar as coisas pra saber né, aí eu dizia o Tatá meu tio Justo parece um doido sapateando aí no terrero, era gente assim que tava olhando lá, meu tio Justo cantando rolou, rolou, caiu no meio da mata ninguém viu, conversa desmantelada é essa tatá? (risos) _Tome jeito minha fia, tome jeito, isso é brincadeira, isso é brincadeira, é divertimento minha fia¹⁵

Dona Dôra, ao questionar o modo de dançar do tio Justo e ao indagar o que dizia a letra da música, seu avó procurou enfatizar que aquilo era apenas brincadeira e divertimento, práticas comuns no cotidiano do seu povo. Neste campo de ação, não importa quão dramáticas e intrigantes fossem as histórias contidas nas letras das músicas, o seu intuito além de um meio de denúncia social, era também de divertir. Quando ainda pergunto a dona Dôra sobre o tocador da sua época, ela afirma:

- M.D.C.T.: É Dedé
- E.C.A.: Ele era o puxador também, tem um puxador né? Ele era puxador?
- M.D.C.T.: È, era ele, ele cantava assim, ele começava, quando pensava que não, aquela feitura de gente, tudo arrudiava assim de mulher, ele batia Tum, Tum no bumbo aí cantava, tinha, tinha uma pessoa era comade Tereza assim, ficava por perto dele, ele batendo aí cantava, e os zoto tudo pegado um no braço do outro, aí ele cantava “_ Cirandeira você é a maior, me dê a caixa de

¹⁴ MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios Recuperados**: experiência da comunidade negra rural de Tijuacu – BA. São Paulo: Annablume, 2009. p. 118.

¹⁵ Entrevista realizada em 18 de setembro de 2008.

pó que o teu namorado deu” Ela respondia: “_Olha senhor não queira me envergonhar sou dona desse lugar ciranda quem tem sou eu” Aí ele começava, (risos), ele batia o povo tudo dançando, dançando e arruando¹⁶

Fica-nos claro mais uma vez que as letras das cirandas não são alheatórias, elas têm toda uma relação com os que a cantam, com os que vivem na comunidade e partilham das letras dessas músicas. É interessante ainda perceber que essas letras estão na memória de dona Dôra, percebemos durante as entrevistas que as recordações são muito significativas para ela, tendo em vista que não raramente ela se emocionava, ou ainda demonstrava suas emoções cantando, dançando, rindo, sua narração, muitas vezes, nos faz desejar ter estado naquela festa. Segundo Bosi:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desapareção de entes amados, é semelhante a uma obra de arte.¹⁷

Deste modo, se um mundo que não conhecemos chega até nós através dos relatos dos velhos, no caso das cirandas, as mesmas nos chegam através de dona Dôra, ou como foi outrora, mediante a narração de dona Josefa. Passamos, então, a compreender um passado do qual não participamos. As experiências narradas acabam também por nos atingir intimamente.

É interessante ainda analisarmos a letra da música da ciranda, narrada por dona Dôra, pois a mesma também pode nos informar sobre o cotidiano que abrange uma comunidade negra.

¹⁶ Entrevista realizada em 18 de setembro de 2008.

¹⁷ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 82.

- M.D.C.T.: Aí ele cantava “Cirandeira você é a maior, me dê a caixa de pó que o teu namorado deu” Ela respondia: “_ Olha senhor não queira me envergonhar sou dona desse lugar ciranda quem tem sou eu” Aí ele começava, (risos), ele batia o povo tudo dançando, dançando e arruando.¹⁸

Na letra dessa música de ciranda, podemos perceber os jogos de sedução que aconteciam entre os casais, ele pede a caixa de pó porque foi o namorado dela que deu, uma forma de afrontá-la e cortejá-la ao mesmo tempo. Ela, por sua vez, deixa claro que ele não deve querer envergonhá-la, pois ela é a dona daquele lugar. Sobre as letras das canções de cirandas, Pimentel afirma:

Ao leitor, ou ouvinte das composições mais atento não haverão de passar despercebidos alguns aspectos mais marcantes dessas composições, no entanto, desejamos chamar atenção para determinadas construções poéticas bastante definidoras da psicologia de seus autores, integrados todos no meio em que vivem ou viviam.¹⁹

Assim, de modo geral, percebe-se que essas letras, de alguma forma, estão ligadas ao cotidiano dessas comunidades negras, elas dizem muito a respeito das suas experiências, de seus parentes e seus antepassados.

Ainda ao recordar seu passado, dona Dôra nos conta sobre o coco de roda, também praticado na comunidade, embora que, com a chegada da ciranda, este tenha ficado um pouco de lado, porém não raro, acontecia ciranda e coco ao mesmo tempo nas festas da comunidade. Dona Dôra ainda nos acrescenta:

- E.C.A.: O coco diferencia o que da ciranda? Eu não entendo não.
- M.D.C.T.: Com o bombo, catando aquelas cantigas né, essa é a ciranda, que Dede trabalhava ai era a ciranda, agora coco ele também sabe fazer coco
- E.C.A.: Como é coco qual a diferença?
- M.D.C.T.: Coco de roda, é porque coco tem ganzá né, tem flauta, tem bombo, tem tudo. Ai canta aquelas cantigas e vai. O coco tem umbigada um no outro (risos)
- E.C.A.: E a ciranda é mais a roda né? O coco é mais solto. A senhora tava dançando naquela hora aqui é ciranda ou coco?
- M.D.C.T.: Ciranda, há hoje aqui, coco.²⁰

¹⁸ Entrevista realizada em 18 de setembro de 2008.

¹⁹ PIMENTEL, Altamar de Alencar. **Ciranda de Adultos**. FIC: Augusto dos Anjos. João Pessoa, 2005. p. 43.

²⁰ Entrevista realizada em 18 de setembro de 2008.

Aos risos, dona Dôra se recorda do coco que tantas vezes dançou com muita alegria, e nos fala também rindo e um pouco envergonhada das umbigadas tão comuns, realizadas durante a dança do coco, dança esta que traz muito da sensualidade das danças dos afro-descendentes. A pesquisadora e professora Miranda, ao explicar sobre a origem do samba e mais especificamente sobre o samba de lata, fruto de sua pesquisa em uma comunidade negra de Tijuacu na Bahia, nos fala também sobre as umbigadas, e coloca:

Quando da realização do samba de terreiro, os escravos formavam um círculo no qual saltavam e bamboleavam o corpo com um saracoteio dos quadris. No centro desse círculo, encontrava-se um(a) que, ao querer ser substituído(a), convidava outro elemento do círculo a exhibir-se no centro, dando-lhe a chamada “umbigada”(contato dos dois ventres, umbigo contra umbigo).²¹

Assim, quando dona Dôra afirma que “o coco tem umbigada um no outro”, é justamente o contato dos dois ventres, umbigo contra umbigo que a professora Miranda se referiu. Por ser uma dança bastante sensual, percebemos que existe certa resistência em as pessoas falar sem embaraço sobre o assunto. E dona Dôra ainda nos coloca mais uma música no âmbito do coco, mas que também era dançada durante as cirandas, sempre nesta linha tênue entre coco e ciranda, ciranda e coco.

- E.C.A.: Ô Dona Dôra qualquer pessoa podia puxar ou só era ele, tinha que ter uma pessoa certa assim?
- M.D.C.T.: Só era ele mesmo
- E.C.A.: Só era ele
- M.D.C.T.: É
- E.C.A.: Interessante né só uma pessoa que
- M.D.C.T.: Ai depois ele cantava outras musicas, modinhas “piaba sai, piaba vôa, piaba de coco é coisa boa” (risos)²²

Ora, se dissemos que as letras de cirandas e do coco de roda estão relacionadas ao cotidiano dessas comunidades negras, então aqui mais uma vez podemos enfatizar a

²¹ MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios Recuperados**: experiência da comunidade negra rural de Tijuacu – BA. São Paulo: Annablume, 2009. p. 117.

²² Entrevista realizada em 18 de setembro de 2008.

importância que a piaba assume no âmbito da alimentação dessas pessoas normalmente de condições bem humildes, é justamente o dia-a-dia que se encontra presente nas letras dessas cantigas.

Porém, em se tratando de cantigas de cirandas, permita-me o caro leitor apresentar-lhe o único mestre cirandeiro que existe na comunidade remanescente de quilombo Grilo, o senhor José Florêncio da Silva, conhecido como seu Dedé. O mesmo gentilmente compartilha conosco algumas cantigas por ele cantadas nas cirandas na comunidade Grilo.

- E.C.A.: Canta aí um pedacinho
- J.F.S.: Esqueço não tá tudo na memória.
- E.C.A.: Cante um pedacinho pra mim
- J.F.S.: Quando a gente chega logo na casa, a gente canta logo assim, eu chego e canto logo né: Dona da casa, licença vou lhe pedir, pra no terrero eu armar meu assaprão, para pegar o canário do império e a moça não faz mistério vai morrer do coração.²³

Nesta cantiga, cantada por seu Dedé, podemos refletir que existia todo um ritual, ou um costume para se começar a ciranda, por exemplo, era uma forma de começar a brincadeira da ciranda, pedindo licença à dona da casa onde iria se realizar a festa. Outras cirandas cantadas por seu Dedé retratam histórias de amor: “Ô cirandeira quando for te levar, pra estrada nova, pra linha de ferro, fiz a viagem no tempo da sapatina, ô mamãe tenho dinheiro pra gastar com a menina”²⁴.

Assim, muitas dessas cantigas relatavam o cotidiano das paixões correspondidas ou não. O levar a cirandeira poderia ser, por exemplo, o sinal de um casamento ou de um rapto por amor.

Porém é interessante também perceber que, se existia uma cantiga pedindo licença para começar a ciranda, existia também aquela que demonstrava sua finalização. Neste campo de ação seu Dede nos coloca: “Adeus meu povo que já vou embora, chegou a hora de eu me arretirar, adeus meu povo que eu já vou partir, adeus meu Piauí até quando eu voltar.” Sobre os autores dessas letras de cirandas Pimentel afirma:

²³ Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2010.

²⁴ Trecho de uma musica de ciranda cantada por seu Dedé na entrevista, em 13 de fevereiro de 2010.

Homens simples, de pouca escolaridade, embora muito criativos, expressam em seus cantos a vida comum da gente onde vivem e interpretam e para quem dirigem suas composições. Impressiona, por isso mesmo, as imagens suscitadas na descrição dos fatos mais corriqueiros de suas vidas ou naqueles cantos dirigidos à mulher, objeto do seu amor. Não um amor carnal, de apelo sexual, mas um bem-querer que sublima os desejos ou os revela nas entrelinhas, com certo pudor, ingenuamente.²⁵

Deste modo, cantador e comunidade fortalecem seus laços de sociabilidades, no âmbito de canções que dizem respeito a um cotidiano familiar a ambas as partes. Mas, pensar as cirandas no Grilo é refletir também sobre as relações de gênero durante estas festas, o que era permitido ou não a mulheres e homens fazerem. Sobre esta questão dona Josefa nos coloca:

- A.C.C.: E as cirandas daqui
- M.J.C.: Vixe Maria!!!! [...] Era da boca da noite até o dia amanhecer. Era do mundo pegar fogo(risos)
- A.C.C.: E o que que é isso do mundo pegar fogo?
- M.J.C.: No tinha poeira não mas saía poeira do chão (risos)
- A.C.C.: Era quente todo o forro, a ciranda
- M.J.C.: Era lá por cima dessas serras, nego só faltava morrer espedaçado por cima das pedas, bebiam uma cachacinha (risos)
- A.C.C.: A senhora gostava de beber uma cachacinha também
- M.J.C.: Não, não.
- A.C.C.: Risos. Por quê?
- M.J.C.: Han, beber uma cachacinha, não minha fia naquele tempo mulher não bebia não
- A.C.C.: Só os homens?
- M.J.C.: Só os homens.²⁶

De acordo com o relato de dona Josefa, a cachaça era permitida apenas para os homens, os quais “só faltava morrer espedaçados por cima das pedras”, ou seja, depois do consumo durante as festas, muitos ficavam embriagados, chegando a se machucarem por entre os lajedos na volta para a casa.

Dessa forma, é trilhando o caminho da saudade, quando narram as festas de cirandas, que dona Josefa e dona Dôra percorrem, ao contribuir com suas lembranças em nossa pesquisa. Uma saudade que traz consigo, muitos momentos de alegrias.

²⁵ PIMENTEL, Altamar de Alencar. **Ciranda de Adultos**. FIC: Augusto dos Anjos. João Pessoa, 2005. p. 43-45.

²⁶ .Entrevista cedida por Amanda Carla Cabral, realizada no dia 28 de setembro de 2008.

- A.C.C.: A senhora tem saudade desse tempo?
- M.J.C.: Eu tenho saudade desse tempo
- A.C.C.: A senhora gostaria que ainda existisse aquelas cirandas por aqui?
- M.J.C.: Hum?
- A.C.C.: A senhora gostaria que ainda existisse aquelas cirandas por aqui?
- M.J.C.: Mas pra quê?
- A.C.C.: Nem pra senhora assistir? Ah já sei senhora não queria que tivesse porque a senhora ficaria agoniada doidinha pra dançar
- M.J.C.: Não, não (risos) Eu no saio de casa pra canto nenhum (risos), eu fico só
- A.C.C.: Só na vontade
- M.J.C.: Na saudade daqueles tempos²⁷

A saudade desses tempos para dona Dôra é bastante forte, ela ainda vai mais além, entregue à nostalgia desse tempo que vivera, ao nos afirmar que:

- M.D.C.T.: E as mulheres tudo dançando e arruando, dançando e arruando, vixe Maria, era muita gente que dava, depois acabou, tudo no mundo se acaba né?²⁸

E muito emocionada, de cabeça baixa, um pouco perdida em seus pensamentos e com os olhos lagrimejando que dona Dôra constata que tudo no mundo se acaba, inclusive os bons tempos das cirandas que vivera na comunidade. Bosi coloca que: “Por que chora o narrador em certos momentos da história de sua vida? Esses momentos não são, com certeza, aqueles de que esperaríamos lágrimas e nos desconcertam.”²⁹ Estes momentos são emocionantes não só para os narradores mas também para o historiador que lança mão da história oral como metodologia.

Assim, o que podemos refletir sobre as festas de cirandas no Grilo, é que estas se encontram em um quadro de continuidades à medida que ainda são realizadas em ocasiões raras e no âmbito das discontinuidades também, já que a sua prática foi mais forte no passado do que nos dias atuais. De acordo com Cuche:

²⁷ Entrevista cedida por Amanda Carla Cabral, realizada no dia 28 de setembro de 2008.

²⁸ Entrevista realizada em 18 de setembro de 2008.

²⁹ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 86.

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. [...] Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural.³⁰

Neste sentido, se a identidade se constitui em uma condição relacional a outros grupos, a ciranda é uma prática que contribui para a distinção da identidade da comunidade Grilo, já que, mesmo a comunidade sendo receptiva a outros grupos participarem das suas festas de cirandas, esta continua sendo uma manifestação cultural própria da comunidade; é no âmbito dessa fronteira que se estabelece sua distinção em relação a outros grupos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru: EDUSC. 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2006.
- MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios Recuperados: experiência da comunidade negra rural de Tijuacu – BA**. São Paulo: Annablume, 2009.
- PIMENTEL, Altamar de Alencar. **Ciranda de Adultos**. FIC: Augusto dos Anjos. João Pessoa, 2005.
- STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto. 2007.

³⁰ CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru: EDUSC. 2002. p. 182